

INTRODUÇÃO

ANA CRISTINA ROQUE
CRISTINA JOANAZ DE MELO
INÊS AMORIM
JOANA GASPAR DE FREITAS
MARIA MANUEL TORRÃO

O dossier *Alterações Ambientais em Perspetiva Histórica* é o resultado do II Encontro da Rede Portuguesa de História do Ambiente — REPORT(H)A — que, sob o lema *Desafios Ambientais Numa Perspetiva Histórica*, foi organizado pelo Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CH-FLUL) e pelo Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHC-FCSH, UNL), em Lisboa, entre 4 e 6 de maio de 2017.

Respondendo ao desafio lançado, preenchendo elementos de transformação e ocupação espacial na estratigrafia do tempo, os estudos aqui reunidos oferecem um contributo relevante para, do ponto de vista histórico, fundamentar rumos para o planeamento ambiental futuro. Em termos globais, os artigos apresentam níveis de reflexão macro e micro, em contextos histórico-geográficos precisos, determinantes para uma abordagem da história ambiental que congrega e articula perspetivas pluridisciplinares sobre um objeto comum: os territórios em transformação.

Face aos problemas ecológicos e ambientais do presente, este *dossier* propõe ao leitor diferentes perspetivas de análise — com base em áreas tão distintas como a arqueologia, psicologia, antropologia, química, climatologia e mineralogia —, que resultam das formações disciplinares e metodologias científicas diversas e específicas de cada um dos autores. Este conjunto de artigos é revelador da grande diversidade de tipologias de conhecimento sobre geografias específicas e contextos histórico-culturais precisos, num cenário que, privilegiando uma abordagem do passado, projeta para o presente exemplos

e aprendizagens que podem contribuir para uma compreensão global da problemática geral das alterações ambientais.

As reflexões apresentadas sobre modelações, usos, transformações territoriais em zonas marítimas, costeiras e terrestres, e em espaços e tempos diversificados mantêm, como fio condutor, a inscrição dos objetos de análise na longa duração, concentrando-se não apenas em «saber como foi», mas em perspetivar «como foi», ou «para que serve ou pode servir...». Longe de branquear realidades ou «fundamentalizar» conclusões prévias à investigação, analisam-se bons e maus exemplos e abrem-se perspetivas para a ponderação destes problemas noutros paradigmas, em sociedades mais consubstanciadas com o fator natural, independentemente de serem industrializadas ou não.

No seu todo, estes estudos revelam uma análise rigorosa com abordagens analíticas exigentes de tipo comparativo, que incluem desde uma reflexão ao nível das relações internacionais e do ambiente, enquanto palco dialogal que ultrapassa sensibilidades de carácter político, religioso, social e económico, a estudos de sítios arqueológicos, que utilizam dados provenientes da palinologia, paleontologia, química e climatologia, evidenciando assim a pluralidade de fontes e metodologias e o modo como estas se cruzam com as humanidades ambientais.

As abordagens clássicas são aqui preteridas em favor das vantagens de uma abordagem transversal que considera os diversos atores — reconhecendo o cunho da sua subjetividade/perspetiva de vida — enquanto agentes transformadores das paisagens e, por isso, consubstanciados nelas e não meros observadores ou modeladores externos. A hermenêutica do binómio espaço-tempo é avaliada com particular cuidado na interpretação e nas conclusões das modelações paisagísticas atribuídas ao fator antrópico, sem pretender encontrar, de forma anacrónica, culpados ou heróis. Da mesma forma, verifica-se um cuidado criterioso na utilização de conceitos ecológico-ambientais no devido tempo histórico. Os autores procuram entender o «como era naquele tempo» e «naquela geografia», partindo muitas vezes de questões que surgem do nosso presente, sem tentarem aplicar comportamentos e intenções de exploração de recursos, numa condenação histórica relativamente a períodos em que não se poderia prever, a não ser hipoteticamente, consequências de degradação ambiental futura.

Orientado por um discurso mais fluido, mais arrojado, fora da métrica, do das últimas décadas, nas áreas da Ecologia, Ambiente e História Ambiental, ou seja, desde a divulgação do Relatório Brundtland (1985) e da sequente demanda da *Sustentabilidade*, este dossier regista uma tónica de análise equilibrada nos processos históricos, um cuidado rigoroso com os contextos e com a utilização dos conceitos disciplinares das áreas das ciências naturais na abordagem do presente, sem enviesamentos ou distorções anacrónicas na adequação dos termos ao espaço e ao tempo, de que resulta um trabalho sólido, de matriz interdisciplinar, fundamental para a construção de uma História ambiental.

Tal como os documentos de orientação mundial e europeia sobre as questões ambientais, em quase todas as conclusões dos artigos apresentados há uma porta aberta para o contributo da investigação e para que esta, nas suas múltiplas dimensões e sem *fundamentalismos ecológicos*, isto é, sem cair num tom de acusação ou denúncia, permita perceber o que sucedeu no passado e como este se pode tornar fundamental no enquadramento das políticas atuais. Por sua vez, também a análise das relações sociais sobre degradação, comprovada pelo esgotamento de recursos e que leva a profundas alterações ecológicas e de reajustamento de todos os agentes que habitam, circulam e vivem nos mesmos espaços, não se limita a concluir o processo de empobrecimento ecossistémico e de extinção de recursos, mas problematiza-o, dando-lhe contexto, explicando os processos e motivações subjacentes. Desta forma, produz-se um conhecimento crítico que deve ser a base da consciência cívica, numa chamada à responsabilidade que imprima maior participação nos processos de decisão em matéria ambiental.

Assim, esta obra, no seu conjunto, não obstante uma aparente diversidade de abordagens, oferece uma reflexão disruptiva, reunindo uma dinâmica cimentada de conhecimento de realidades histórico-espaciais, em associação com um horizonte expressivo de aplicação para o planeamento presente e futuro, nos caminhos da possibilidade de reconversão ecológica em áreas como as águas, florestas, justiça e governança.